

Entrevista com Miriam Hermeto de Sá Motta

Miriam Hermeto de Sá Motta - Doutora em História (2010), mestre em Educação (2002), licenciada (1997) e bacharel em História (1994), realizou toda a formação superior na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora adjunta do Departamento de História e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História (linha de pesquisa História e Culturas Políticas) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Coordenadora do Núcleo de História Oral do Laboratório de História do Tempo Presente (LHTP) da FAFICH/UFMG e co-coordenadora do Travessia - Grupo de Estudos sobre Ensino de História (FAFICH/UFMG). Atua principalmente nas áreas de História do Brasil República (ditadura militar; história cultural; história política) e Ensino de História (formação de professores).

Entrevista concedida no dia 24/06/2020 a Carla Drielly dos Santos Teixeira, membra da Comissão Editorial da Revista Temporalidades e doutoranda na linha de pesquisa História e Culturas Políticas do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. A versão integral está disponível no IGTV Instagram (@revistatemporalidades) e no youtube (/temporalidadesrevistadehistoria) sob o título “Os desafios da pesquisa histórica em tempos de pandemia”.

[Revista Temporalidades] - Pode chegar pessoal essa é uma live que está sendo promovida pela Revista Temporalidades que é uma iniciativa do corpo discente do programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Hoje estamos recebendo aqui a professora Miriam Hermeto, historiadora, professora de história do nosso departamento, e tá aqui, como todos nós, vivendo os desafios dessa pandemia (...). Professora Miriam, a gente combinou de fazer uma fala de 20 a 30 minutos (...) então, professora, por favor o momento é seu, fica à vontade.

[Miriam Hermeto de Sá Motta] – Então, Carla, primeiro eu queria, antes até de agradecer o convite, dar os parabéns para as equipes da temporalidades. (...). Então eu agradeço muito, estou

muito feliz com esse convite pra gente tá aqui hoje proseando, né, pensando nesses horizontes de expectativa a partir desse espaço de experiência que é tão duro hoje. (...). É a primeira vez que eu, como professora e pesquisadora, estou experimentando essa possibilidade ou esse formato e acho que você também, né Carla, esse formato que hoje é tão popular, que é a live. (...) E acabou que eu achei uma coisa muito curiosa: é a possibilidade, nesse isolamento que a gente tá hoje, de ter uma conversa que seja preparada, pensada colocada partir de temas e de questões, mas, ao mesmo tempo, uma dinâmica que não é fechada como a que a gente está acostumado na academia. Talvez algo que, embora público, a gente não tem muita noção do quão público é. No fim das contas, se assemelha um pouco à sala de aula. Porque aí a gente consegue desenvolver uma reflexão também a partir do diálogo com a pessoa que tá na tela e com as pessoas que estão assistindo e podem fazer comentários. (...) Então acho que começo por aí. Quando você me convidou para a gente conversar, disse claramente: olha, nós estamos pensando nos desafios da pesquisa histórica em tempo de pandemia. Não na contemporaneidade apenas, mas em tempos de pandemia. E aí eu acho que a primeira coisa que é importante é a gente localizar historicamente o que são os tempos de pandemia para nós, no Brasil. (...). Quando a gente começou a viver isso Brasil, ficou escancarado para todo mundo o contexto que nós vivemos hoje. Primeiro, nós não temos nesse país dois lados como desde 2, 3 anos atrás imaginávamos. Há essa realidade muito mais multifacetada do que imaginávamos. A nossa crise sanitária e a crise econômica dela derivada é muito mais grave em função de um contexto político no qual a gente chegou, numa possível democracia ou pseudodemocracia. Mas, ao mesmo tempo, uma crise de valores absurda. Acho que isso também é muito chocante e eu diria então que eu acho que este é o primeiro grande desafio que vivemos hoje, no Brasil, como pesquisadores, mas também como cidadãos, como seres humanos, que é essa crise de valores. Eu acho que isso é o que ficou muito escancarado. Como é que nós estamos vendo vários países lidando de maneira responsável com a crise sanitária e tentando prever ou minimizar o que pode vir ser uma crise econômica e social a partir dela... no Brasil, a irresponsabilidade derivada dessa crise de valores, tornou-se algo muito chocante, algo muito truculento. (...). Eu não consigo pensar a pesquisa histórica separando o pesquisador do sujeito, do ser humano que ele é para além dos muros da academia. No caso do pesquisador de história, das outras possibilidades de atividade que a gente tem que, essencialmente, inclusive, nos remetem à sala de aula. Há outras formas de ação sim, claro, mas também a sala de aula. Então acho que esse é um negócio importante. Eu não consigo pensar a pesquisa histórica apenas como a pesquisa acadêmica que a gente comunica em artigos, em

revistas como a temporalidade ou em teses e dissertações, mas a pesquisa como um princípio. Um princípio que é o da investigação e que tem a ver com a maneira como eu vejo o mundo, com a minha postura diante do mundo, com aquela postura de olhar para o mundo e querer entender o mesmo independente daquilo que eu acredito que ele é. Por isso eu acho que essa crise de valores para o pesquisador, e especialmente o pesquisador de história, é o primeiro grande desafio, é o desafio de base porque a gente olha para o mundo e não consegue reconhecê-lo... olha para esse país e muitas vezes não consegue reconhecê-lo. A ponto de tentar interpretá-lo, porque estão escancaradas uma série de situações que a gente tentava mascarar ou tentava minimizar no fim das contas. Bom então isso acho que é a primeira coisa. A segunda, eu queria conversar também a partir de uma mini enquete que nós fizemos, tanto vocês, na Temporalidades, quanto eu, nas minhas páginas pessoais de Redes, sobre “quais são os desafios que as pessoas estão vivendo?”. A resposta foi muito pequena, achei curioso. Foram respostas muito menos numerosas do que as curtidas na fotografia de divulgação da live (Risos), preciso dizer isso. Mas o pouco de resposta que nós obtivemos trouxe um resultado curioso: 100% das pessoas disseram que o grande desafio é dividido em duas frentes e tem a ver com o tumulto e o barulho desse contexto atual, a falta de motivação para pesquisa ou a dificuldade de concentração para pesquisa. Então veja que são desafios pessoais mesmo, biológicos e psicológicos, desafios absolutamente pessoais, que tem a ver com o contexto no qual estamos. (...). Eu acho que um outro tema que é importante a gente tratar diz respeito à popularização das tecnologias digitais e a difusão de uma espécie de “história digital”. Uma das possibilidades da gente pensar a história digital é exatamente a digitalização das fontes e o amplo acesso às fontes. Nós tivemos a ilusão de que esse acesso estava muito mais fácil do que efetivamente está. Nós estamos tendo de encarar uma realidade que estava mascarada pela ilusão: a ilusão de que as fontes estavam todas disponíveis e os arquivos estavam todos em rede. Não, não estão. Existem muitos arquivos que a gente precisa ter acesso fisicamente e que, muitas vezes, precisa ter acesso fisicamente levando a goiabada pra dona do arquivo pra que ela nos permita entrar e cutucar as fontes que não estão organizadas. Eu acho que isso também ficou explícito. Além de não ter acesso ao arquivo muitas vezes, e isso é necessário para quem trabalha com história oral, por exemplo, o acesso ficou inviável. Ele não ficou impossível, mas ficou quase impossível. A não ser que você já tenha contato prévio com o entrevistado, já tivesse combinado com ele a entrevista e decida fazer essa entrevista; ou que o seu entrevistado, ou os seus possíveis entrevistados, tenham um trânsito com as tecnologias, mas você perde o contato físico. É possível fazer mediado. Isso que estamos

fazendo aqui, tem a Live, você pode fazer a entrevista à distância, mas boa parte dos entrevistados não topam isso ou não têm o trânsito com as tecnologias. Assim, quem entrevista idosos, por exemplo, passa o maior aperto porque não consegue fazer isso. E não vai conseguir fazer a entrevista no próximo ano, porque eles estão isolados. A gente ainda fura o isolamento aqui e ali, mas os idosos, por exemplo, ficaram inacessíveis. Então isso é uma outra coisa que eu acho que é importante: existe um tipo de pesquisa histórica, esse tipo que depende do encontro, seja para acesso às fontes físicas, seja para acesso às fontes humanas, que vai ter de esperar. A gente vai ter que reorganizar. E aí vem outro desafio que eu acho que é fundamental: nós vamos ter que reorganizar os planos de pesquisa. Mesmo. (...) reorganizar controlando a frustração, entendendo que há algo que está para além das nossas possibilidades (...). E é um outro desafio, eu ainda não cheguei no meu argumento central, mas chego já... mas é um outro desafio que eu acho fundamental que é o fato de que a interseccionalidade nunca esteve tão escancarada, as estruturas opressivas de manutenção da desigualdade nunca estiveram tão escancarada para pesquisa histórica. Ou seja, vamos pensar aqui nas questões de raça e classe. A história de que o acesso, não apenas à tecnologia (equipamento) mas à internet rápida, o acesso, inclusive, do lugar da cidade em que isso existe não tá posto da mesma forma para todo mundo. Isso está sendo muito discutido na retomada das atividades em todas as Universidades e não sendo discutido nas escolas. A situação ainda é muito grave porque as atividades estão acontecendo e atropelando as desigualdades. No caso do gênero mesmo, aquilo que a gente acreditou que estava superado fica escancarado. (...). A realidade da desigualdade de gênero tá sendo muito explícita quando a gente vê, por exemplo, que a produtividade dos historiadores, os pesquisadores homens, aumentou durante a pandemia e a das mulheres diminuiu. Um outro desafio, e é o penúltimo antes de eu chegar no meu argumento, é fato de que o público e o privado se misturaram completamente. A gente, antes, tinha alguma possibilidade de atuar em espaços menos privados para a realização das atividades de pesquisa. Mesmo que fosse em casa, então era hora que as crianças estavam na escola e que você tem o seu tempo, no escritório, para isso. Não existe mais. Então público-privado estão imbricados de tal forma que a atividade de pesquisa se torna mais difícil do que outras tantas porque a concentração, e não apenas pelo tumulto do contexto, mas a concentração real, física, é muito mais difícil. Uma outra coisa que eu acho que é fundamental: boa parte dos nós, pesquisadores de história, atuamos na docência, e atuar na docência, neste momento, tornou-se um desafio absurdo, absurdo em todos os segmentos de Ensino e em todas as redes de ensino. O que significa ser professor hoje? Como é que é possível ser professor hoje? Como é

que eu vou dar uma aula a distância se eu não sei o que é dar uma aula a distância? Não é se eu não domino a tecnologia, não é, não tem a ver com isso, tem a ver com o fato de que eu não sei construir uma relação com os meus alunos à distância. Eu não tenho mais olhar, eu não tenho mais toque, eu não tenho mais a resposta imediata e não sei como é que esse diálogo pode acontecer. Eu acho que a gente tem é subestimado os efeitos desse tipo de reinvenção na vida da gente, tem colocado tudo na conta da tecnologia quando, na verdade, ela é uma parte que nem é tão grande quanto imaginamos. Eu acho que o distanciamento social acabou explicitando essa crise de valores de uma maneira que nos deixou sem rumo. Isso, para docência, é algo muito grave. Foi a hora, por exemplo, que boa parte de nós, professores, percebemos a desigualdade social na qual vivem os nossos alunos. Fomos colocados, tanto pelo contexto, quanto pela estrutura educacional, na posição daquele que tem que resolver a desigualdade, sendo que nós não temos capacidade de fazer isso. (...). Então, quando eu li o cem por cento das pessoas que responderam à nossa enquete simples, minha e da temporalidades, dizendo que o grande problema, hoje, é a falta de motivação para pesquisa histórica ou a dificuldade de concentração eu fiquei muito tocada. Porque eu fiquei pensando: será que no momento de crise como esse, a gente não precisava... não é que precisar, precisava nada, mas enfim... talvez a gente não esperasse estar motivado em vez de estar desmotivado? Se a gente não dá conta de responder ao que essa realidade apresenta para nós, isso não deveria significar mais motivação? Então me chamou atenção isso, a desmotivação, mais do que a falta de concentração, que essa, sim, eu compreendo, mas várias pessoas disseram da sua falta de motivação para pesquisa histórica. E aí, sabe, Carla, isso me remeteu a algo que eu acho que eu venho percebendo há algum tempo que não é novo, mas que tem se tornado uma coisa grave nos últimos anos. Não é novo, historicamente, mas é um fenômeno cuja permanência ficou mais aguda nos últimos anos ou mais patente. É uma concepção de história com a qual nós historiadores ainda operamos que é muito mais historicista do que nós queremos crer e que é muito menos moderna do que nós queremos crer, que nós dizemos nas nossas apropriações de teoria nos trabalhos que escrevemos. (...). O Nosso principal desafio, hoje, para pesquisa histórica, é uma revisão dos nossos paradigmas a partir da crise que vivemos no sentido de que ela é uma crise mesmo e que a gente precisa assumir um compromisso com os vivos. E que, embora a gente dissesse isso: fazer a história, o fazer da história, estava muito mais ligado a um compromisso com os mortos, hoje a gente precisa reassumir esse compromisso ético com os vivos e com nós mesmos. Então é pensar que toda história é uma história do tempo presente, no fim das contas, e que nós vamos

ter que encarar o presente, porque pode ser que tudo o que a gente estudou até aqui não dê conta de responder os problemas que nós temos hoje. Eu acho, de verdade, que essa enquete singela, básica, que a gente fez nos remeteu, me remeteu, a pensar que o nosso problema é um problema que não é só de valores, é de paradigmas e de paradigmas do que é a história. Então, o que eu queria defender, no fim das contas, é isso: toda história é uma história do tempo presente e nós vamos ter que encarar isso agora.

[R.T.] Tem algumas questões dentro disso tudo que você falou (...). A primeira delas diz respeito aos nossos sentimentos. Isso que você trouxe, sem dúvida nenhuma, esse momento de isolamento social suscitou e despertou uma série de sentimentos em todos nós. E no meio acadêmico, principalmente. Há uma pesquisa, se não me engano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo projeto se chama “Parent in Science”, eu acho que você já ouviu falar dessa pesquisa, que fez um levantamento significativo e trouxe dados indicando que a frustração e a culpa são dois sentimentos que estão tomando conta da academia, em geral, e de todas as pessoas que compõem esse mundo acadêmico. Então, gostaria de te ouvir, como cumprir os prazos na quarentena? Como você, que tem essa experiência de ser mãe, de estar afastada do trabalho docente para fazer o pós-doutorado, lida com isso?

[M.H.S.M] - Eu tenho tentado olhar para esses tempos como o tempo de delicadeza, do jeito do Chico Buarque mesmo. Tempo de delicadeza no sentido de que são tempos em que é preciso que a gente tenha muito cuidado, em que a gente tenha muita delicadeza no olhar, no pensar, no construir, no identificar os desafios e identificar as formas possíveis de lidar com esses desafios, identificar as sensibilidades. Uma primeira coisa que eu acho essencial, de verdade, é a gente não perder a dimensão humana de tudo que estamos vivendo. Nas mínimas coisas sabe? Tem hora que mais importante do que participar de uma live ou assistir uma live, que é isso, as pessoas têm as agendas de Live né? Quem tem condição de fazer isso, que legal, mas tem hora que, mais importante do que assistir a uma live, vai ser conversar com um amigo meu que está num momento crucial desse, de culpa e de frustração, que não consegue cumprir aquilo que se propôs e precisa dividir alguma coisa. Pesquisa é algo que se faz coletivamente. Pesquisa é algo que se faz conjuntamente e conjuntamente não apenas no desenvolvimento do argumento, das análises das fontes e no debate, que muitas vezes se torna tão competitivo, mas no diálogo e o diálogo, eu acho, nesse momento, precisa ser o diálogo da delicadeza, de verdade, então, como lidar com a culpa, com a frustração? Pra mim, em primeiro lugar, é isso. Compreendendo a dimensão

humana que a pesquisa tem, estando junto e construindo as redes de proteção que a gente precisa mesmo, sabe, bom, ponto. Eu diria que, esse pra mim, é o ponto básico. Para além disso, como lidar com o não cumprimento dos prazos? Ai eu vou ter que citar o Manoel de Barros, não vou citar um historiador: “quem anda no trilho é trem de ferro, eu sou água que corre entre pedras porque Liberdade caça jeito”. A gente vai ter que se reorganizar. O meu caminho estava dado no trilho, no projeto, no cronograma, muito bem, o trilho quebrou, está impedido, o trem caiu e ninguém passa no trilho mais, eu sou água que corre entre pedras: é reorganizar. Então, se eu tinha uma proposta de fazer vinte entrevistas ao longo desse ano, eu já entendi que eu não vou fazer. O que é que eu posso fazer? É parar e pensar, mesmo, objetivamente, e entender que essa frustração é algo que todos nós vamos ter. Tem uma dimensão dessas frustração que é coletiva, se eu deixar que ela fique maior do que ela é, pra mim, individualmente, ela toma todo projeto, ela toma toda a minha energia. Então, acho que é compreender que pesquisa, projeto de pesquisa, é uma coisa que existe para ser mudado e que nesse momento todos os projetos de pesquisa, de todas as áreas, vão ter que ser mudados, a gente vai ter que entender isso. Porque pedras eu vou correr e quais caminhos eu vou achar como água.

[R.T.] - Outra questão diz respeito ao ensino, nós temos conversado bastante sobre isso, como podemos pensar na manutenção da qualidade do ensino a partir do advento do Ensino Remoto Emergencial (ERE) ou da Educação à Distância (EAD) que é o que vem sendo praticado nas instituições de ensino durante a pandemia?

[M.H.S.M] – Eu acho importantíssimo falar sobre isso. Nós não estamos falando de Educação à Distância nos termos clássicos da EAD. Tem um tanto de gente usando o ensino à distância no sentido mais técnico mesmo, e tem um tanto de gente usando educação remota emergencial, que é o que eu tenho preferido diante do que eu tenho visto por aí. Bom, tem um problema muito grave que é o fato de que nós estamos operando com uma lógica que não se aplica à realidade atual. Todas as redes de ensino começaram a pensar em como é que iriam trabalhar dessa forma depois que o isolamento social começou. E aí a expectativa é que iria durar 15 dias, depois iria durar um mês... não vai. Serão dois meses, três meses... Não estão com nenhuma perspectiva de voltar. A vontade de pais, e eu falo como mãe, é tirar os meninos da escola. De verdade, nesse momento a vontade geral é tirar os menino da escola, qualquer que seja ela. Por que? Porque a escola não está sabendo, e eu assumo que eu também não, a escola não está sabendo o que fazer diante dessa situação. Eu acho que nós estamos usando aquela logica antiga, isso fica explicito, por exemplo, na tentativa da secretaria de estado da educação em, primeiro lugar, produzir um

material a toque de caixa em 15 dias para ser disponibilizado pela TV ou por meio virtual sem saber qual é o acesso que as pessoas vão ter, se as pessoas vão ter condições de acesso ou não e, portanto, passando por cima dessa questão da desigualdade social. Isso explicita o quanto nós estamos operando sob a lógica antiga que imprime o material, que era para ser usado virtualmente, e vem cheio de links que as pessoas não conseguem clicar. Mistura vídeo do youtube, blog, site educativo, página de livro didático, tudo junto, sem nenhum tipo de contextualização. Então estou pensando do ponto de vista da educação do ensino de história, mas isso tem acontecido em outras disciplinas também. Ou de disponibilizar 10 plataformas de comunicação com estudantes que ninguém sabe lidar com elas ou que não funcionam, então é uma plataforma de comunicação, outra plataforma para dar aula, outra plataforma para postar atividade, outra para conversar com os pais... Então a multiplicidade de plataformas, muitas vezes, também faz com que a gente confunda as coisas e aí, mais uma vez, eu acho que a única possibilidade que a gente vai ter de manter o mínimo de qualidade diante desse inesperado que é a educação remota emergencial é entender que nós temos uma crise de paradigma também no ensino, também no que se refere à educação escolar. (...). Na verdade é resignificar o que é o conteúdo, porque que isso, para mim, por exemplo, ficou tão pesado, é pensar como é que cada um de nós está vivendo esse desafio, porque, de repente, eu comecei a ver meus filhos tendo que repetir conteúdo. (...). E o que está acontecendo é que está vindo só checagem de conteúdo, não é aprendizado. Eu comecei a ficar muito chocada de ver algo que já estava ali e eu não estava vendo, só que agora está dentro da minha casa. É uma educação escolar que é da repetição, que é a do conteúdo desvinculado do seu sentido sócio afetivo. Então, mais uma vez, eu diria que não é para ontem, nós não vamos resolver até o segundo semestre e nem em 2020, nem se a gente voltar para as escolas, que eu acho que não vai acontecer. Manter a qualidade da educação diante do advento de ensino remoto é rever as nossas posturas epistemológicas diante do que é a educação escolar.

[R. T.] - Sobre a derrubada de monumentos, qual leitura fazer pensando os públicos, as memórias e a história? Acho que essa pergunta remete aos monumentos que estão sendo derrubados no exterior, monumentos de escravocratas.

[M.H.S.M] – Então, a situação dos monumentos, vou dizer uma coisa também... eu me sinto, como uma Historiadora que trabalha muito com as década de 1960 e 1970, transportada para 1968, embora não reconheça muita coisa. Então, quando a gente vê o “blacks lives matter”, quando vejo as derrubadas de estátuas, esse tipo de ação social que é uma ação social de negação

e de desconstrução física daquilo que a memória social monumentalizou, a gente se vê atordoado como cidadão, não estou pensando em nós como historiadores. Já vi muito historiador também atordoado. Mas o que nos vimos sair na grande imprensa sobre a derrubada dos monumentos faz parecer como se a população tivesse cometendo uma heresia, o que mais uma vez nos remete a essa força da tradição que é a história. A história precisa de heróis e esses heróis são heróis imortais. Eu já vivi momentos em que eu dizia: a história não precisa de heróis, isso é uma bobagem. Hoje eu digo: não, a história precisa de heróis mesmo, eu sinto que a história precisa de heróis. Só acho que eles não são imortais, eles são, assim, como todas as verdades históricas, são também transitórios, são também retratos do tempo que os constrói e os reconstrói, e os destrói. Ao construir novos heróis, nós vamos destruir outros, não apenas desconstruir, não é apenas a desconstrução epistemológica, a desconstrução do ponto de vista do conhecimento. É uma destruição daquilo que já foi monumentalizado. Como é que em um movimento que briga por todas as vidas e que diz que as vidas negras importam passa diante de uma estátua de um traficante de escravos e não se manifesta? Então, se eu identifico na estátua do sujeito que me trouxe até aqui, nessa condição de subalterno, uma origem, por que é que eu não vou questionar e destruir essa origem? Vejam, eu não estou fazendo uma apologia à guerra civil, inclusive porque sou da paz. Eu estou pensando o movimento histórico, a dinâmica histórica dos movimentos sociais.

[R.T.] - Até porque, Miriam, eu fiquei te ouvindo e pensando que na Revolução Francesa, também, com certeza, muitas pessoas foram contra a vandalização da Bastilha, no sentido de “poxa, vamos fazer Revolução, mas sem vandalizar a Bastilha”, mas tem a questão dos símbolos e do peso que esses símbolos carregam na realidade social das pessoas.

[M. H. S. M] - Isso aí, isso aí. É porque os símbolos são, em alguma medida, aquilo que nos faz pertencer a uma comunidade, só que a comunidade também se transforma, novos símbolos vão aparecer, novos símbolos vão ser construídos, o símbolo não é natural, símbolo é cultural. Novos símbolos vão ser construídos, novas tradições vão ser inventadas, para fazer a referência ao Hobsbawm, para que novas tradições sejam inventadas, velhas vão ser destruídas. Os estudos de Patrimônio trazem pra gente, de uma forma muito clara: um símbolo só tem sentido, presentemente, se ele é referência cultural para comunidade. Se ele deixa de ser referência cultural para comunidade, ele não é símbolo mais. Ou ele é um símbolo que não é um símbolo da comunidade, é o símbolo do Poder, ele é um símbolo de um outro grupo, então, eu acho que a

gente precisa encarar (...) a referência cultural e tem que pensar, para quem? Se é referência, para quem é? Se o monumento tá ali ou apenas no lugar da sacralidade, não é mais referência cultural, aliás é a contra referência, porque que ele tem que permanecer ali? Os ambientes urbanos são ambientes dinâmicos. Por que que a gente admite passar, destruir, desfavelizar (para usar o termo dos anos 1970) uma grande área para passar uma via e não admite a derrubada de uma estátua? A dinâmica urbana tem que ser pensada nas suas diferentes formas, então acho que essa questão, agora, para gente, é muito interessante porque coloca em xeque uma série de outras práticas que também estavam naturalizadas na dinâmica urbana, que estavam naturalizadas na história e que são práticas que mantêm interseccionalidade dessa lógica da estrutura opressora. O movimento social que se levanta contra a estrutura opressora está só dizendo: meu símbolo é outro, camarada. Em determinados momentos a radicalidade é que vai produzir transformações. É algo que nós precisamos entender. As estatuas de Mussolini foram derrubadas, as estatuas de Lenin foram derrubadas. E estas não estão sendo questionadas, então é o que você falou: a Bastilha foi vandalizada. Isso que a gente chama, hoje, de a “Queda da Bastilha e o quatorze de junho”, a celebração da contemporaneidade, também foi uma forma de vandalização, então, há um questionamento na sua radicalidade que apresenta a construção de outras tradições e de outras referências e que, portanto, precisa ser legitimado mesmo assim, não legitimado do ponto de vista da ordem ou da desordem, mas da sua legitimidade histórica. A gente precisa reconhecer a legitimidade histórica desse tipo de movimento.